

## **SANTO AMARO-SP: O BAIRRO QUE FOI CIDADE**

Márcia Maria da Graça Costa<sup>1</sup>

Marília Gomes Ghizzi Godoy<sup>2</sup>

**Resumo:** a memória é um dado fundamental da identidade individual ou coletiva. Quando se trata de um bairro, que já foi cidade, como Santo Amaro-SP, há adensamento de memória em determinados locais, que funcionam como símbolos da identidade coletiva. O problema que norteia esta pesquisa é investigar como a identidade de um bairro pode estar inscrita na memória coletiva, tendo como hipótese que a identidade de um bairro pode ser avaliada por seus lugares de memória. Este artigo assume que a identidade de Santo Amaro pode ser investigada a partir da Estátua de Borba Gato. As análises permitem concluir que a estátua faz parte de um sistema simbólico com significados múltiplos, porém construídos e compartilhados não apenas pela população de Santo Amaro, mas que se expande para toda população paulistana.

**Palavras-chave:** Santo Amaro-SP, Identidade Cultural, Lugares de Memória, Memória Histórica.

### **INTRODUÇÃO**

A memória é um dado fundamental da identidade individual ou coletiva. Quando se trata de um bairro, que já foi cidade, como Santo Amaro-SP, há adensamento de memória em determinados locais, que funcionam como símbolos da identidade coletiva. Dentre os diversos bairros e distritos da cidade de São Paulo, Santo Amaro possui uma história distinta e peculiar, cujo início ocorreu por volta de 1560, e está associada a diversos fatos que remontam aos tempos da fundação da cidade de São Paulo, da qual hoje faz parte como bairro. Coleciona fatos, monumentos e documentos, registros de uma história pouco conhecida dos demais paulistanos e, muitas vezes, da própria

---

<sup>1</sup> Administradora, especialista em Controladoria e Finanças, Mestrando do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (Unisa), docente nos cursos de graduação e MBA da Unisa. mmcosta@unisa.br.

<sup>2</sup> Cientista Social, Mestre em Ciências Sociais, Doutora em Psicologia Social. Docente do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro (Unisa). mgggdoy@yahoo.com.br.

comunidade santamarense. História essa que pode ser apreendida a partir dos seus lugares de memória, constituídos pela interação entre história e memória e que se cristalizam em elementos simbólicos da memória e da identidade de uma comunidade.

Nesse sentido, nenhum desses lugares de memória representa tão bem Santo Amaro como a estátua de Borba Gato. Situada na confluência das avenidas Adolfo Pinheiro e Santo Amaro, devido ao seu tamanho e sua história, a estátua é sempre mencionada como forma de proteção da região e associa Santo Amaro à mitologia bandeirante. Um símbolo que dá significado a diversas representações e torna possível estabelecer identidades individuais e coletivas. Enquanto representação, e objeto de controvérsias, a estátua permite a identificação entre os sujeitos, tanto pela similaridade, como pela diferença.

Nesse contexto, o problema que norteia esta pesquisa é investigar como a identidade de um bairro pode estar inscrita na memória coletiva. É utilizada como hipótese a perspectiva de que a identidade de um bairro pode ser avaliada por meio de locais que apresentam a imagem identitária num âmbito determinado. Dessa forma, este artigo assume que a identidade de Santo Amaro pode ser investigada a partir da Estátua de Borba Gato, configurado simbolicamente como um guardião na entrada do bairro. Assim, os objetivos deste artigo são: avaliar a construção da identidade do bairro com base em sua história e compreender a sua identidade cultural a partir da estátua de Borba Gato.

Do ponto de vista metodológico, quanto ao seu caráter, trata-se de uma pesquisa explicativa. Num estudo dessa natureza, o pesquisador procura explicar causas e consequências da ocorrência do fenômeno. Os fenômenos, neste projeto, são as variáveis envolvidas na construção da identidade do bairro de Santo Amaro (MARCONI, LAKATOS, 2010; SANTOS, 2000). Quanto à técnica para coleta de dados, utilizou-se a pesquisa documental, ou seja, aquela realizada a partir de documentos, contemporâneos ou retrospectivos, tais como tabelas estatísticas, fotografias, mapas, legislação, informativos (jornais e revistas), e outros que possam contribuir para a melhor investigação sobre o tema (MARCONI, LAKATOS, 2010; SANTOS, 2000). Quanto ao método de análise dos dados, a análise qualitativa foi

selecionada uma vez que se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. (MINAYO, 2007).

## **1. A HISTÓRIA DE SANTO AMARO E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE**

O bairro tem suas origens a partir de uma aldeia de índios Guaianases, à beira do Rio Jeribatiba (atual Rio Pinheiros), um dos três locais de atuação dos jesuítas (os outros dois foram São Vicente e São Paulo de Piratininga) destinados à catequização e educação de crianças índias e mamalucas. Os arquivos da Diocese de Santo Amaro (n.d.) e da Secretaria de Cultura de São Paulo (SÃO PAULO município, n.d.) registram que, por volta de 1556, José de Anchieta, em visita à aldeia, percebeu o grande número de colonos e índios catequizados e a necessidade da instalação de um povoado e construção de uma capela. Os moradores da região, João Paes e Suzana Rodrigues possuíam uma imagem de Santo Amaro, um santo nascido na Itália, e a doaram para a nova capela construída em 1560, feita de taipa de pilão, na qual José de Anchieta rezou a primeira missa. A região, por muito tempo conhecida por diversos nomes indígenas, como: Birapuera, Virapuera, Ibirapuera, Geribatiba, Geribativa, Jeribatiba, Santo Amaro de Virapuera, Santo Amaro de Ibirapuera; toma o nome definitivo de Santo Amaro.

A forma como os registros contam a história de Santo Amaro, a partir de suas origens associadas à Igreja Católica, demonstram como a apreensão da memória depende do ambiente social e político, a partir da posse de imagens, textos e monumentos que falam do passado, e determinam o modo de apreensão do tempo. Uma região que, a exemplo de muitas outras espalhadas pelo Brasil, retrata suas origens e sua memória associadas ao ambiente colonial brasileiro, nascido no entorno das capelas. Nesta comunicação, a memória é avaliada na perspectiva de Le Goff (1996), como fenômeno individual e psicológico ligado à vida social e objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de acontecimentos do passado, produz documentos e monumentos, para escrever e preservar a memória.

Com documentos, que mostram a memória preservada de um bairro, podemos acompanhar a evolução da história de Santo Amaro. Em 1686, São Paulo de Piratininga pertencia ao bispado do Rio de Janeiro, o Bispo D. José E. Barros Alarcão, ao perceber que a paróquia de São Paulo tinha território muito vasto, decidiu dividi-la em curatos. Santo Amaro de Ibirapuera foi um deles, assumindo a categoria de freguesia, denominação comum da paróquia na época. Passados quase 150 anos, em 10 de julho de 1832, por Decreto da Regência, a freguesia de Santo Amaro foi elevada à vila. Em 6 de maio de 1833, Santo Amaro ascendeu à categoria de cidade, com a primeira assembleia da Câmara do Vereadores e com a posse do primeiro prefeito – Manoel José Moraes, em 4 de março de 1835 (BANCO DE DADOS DA FOLHA, n.d.; BERARDI, 2005; DIÁRIO DAS LEIS, n.d.). Parafraseando Bauman (2005), percebemos aqui o papel da Igreja como constituinte importante na construção da memória e da identidade nos primórdios de Santo Amaro, uma vez que se associa à noção de pertencer, não como algo sólido, mas negociável e muitas vezes decorrente de escolhas lançadas por instituições e pessoas.

O povoado, que virou cidade, foi anexado à cidade de São Paulo, em 22 de fevereiro de 1935, pelo Decreto 6.983 do Interventor Federal no Estado de São Paulo - Armando de Salles Oliveira, retomando, assim, a condição de bairro. Dentre os motivos descritos no decreto, é destacado o endividamento de Santo Amaro para com o Tesouro do Estado, o que comprometia o orçamento do município e dificultava a sua expansão econômica e cultural. A anexação permitiria, então, a liquidação da dívida e a aplicação das receitas no desenvolvimento de Santo Amaro (SÃO PAULO estado, 1935). Esse fato traz à tona a distinção entre o artifício político de cidadania e a noção de pertencer, de se identificar, “[...]que precedem e superam todas as identidades e distinções artificiais que ser possam legalmente impostas sobre o convívio humano.” (BAUMAN, 2005, p. 66). Alguns daqueles santamarenses, que se tornaram paulistanos por meio de um decreto, passaram a lutar pela retomada de seus aspectos identitários originais e, cinquenta anos depois, solicitaram um plebiscito para emancipação de Santo Amaro

O desenrolar da história de Santo Amaro permite constatar que a memória coletiva, fundamentada na própria identidade da comunidade, muitas vezes usa

voluntariamente o esquecimento, indicando a vontade do grupo de ocultar determinados fatos (LE GOFF, 1996). O esquecimento, nesse caso, fica por conta do plebiscito realizado em 15 de setembro de 1985, para a emancipação de Santo Amaro, ou seja, a retomada da sua condição de município: dos 513.200 eleitores aptos a votar, apenas 91.520 (abstenção de 82,17%) compareceram às urnas. Desses, 85.448 rejeitaram a proposta, provavelmente, numa demonstração de que a comunidade optou por se esquecer do passado como cidade e se manter como um bairro (LEITE, 2015). Retomando a questão da identidade cultural, portanto baseada nas escolhas dos seres humanos, o resultado do plebiscito demonstra uma evolução do processo de construção da identidade do bairro, uma vez que as escolhas “[...] feitas pelo homem, teoricamente podem ser por ele desfeitas.” (BAUMAN, 2005, p. 67).

Os diversos estudos e Planos Diretores para a cidade de São Paulo resultaram numa divisão de Santo Amaro. O bairro teve os seus 640 quilômetros quadrados divididos em novos bairros e, em 2002, a cidade de São Paulo foi dividida em 31 subprefeituras, Santo Amaro é a de número 14, que compreende os distritos de Santo Amaro, Campo Belo e Campo Grande. A área restante do antigo município e bairro está dividida nas subprefeituras de Cidade Ademar, M’Boi Mirim, Socorro e Parelheiros (SÃO PAULO município, 2010; BERARDI, 2005). E como essas sucessivas mudanças refletem na identidade cultural de Santo Amaro? Numa fragmentação, num reforço às diferenças e à exclusão, uma vez que não existe identidade cultural unificada. Se nem mesmo a identidade nacional subordina as diferenças e não está livre do jogo de poder, a divisão do bairro reforça a diferença e exclusão e destrói a ideia de uma unidade idêntica (HALL, 2006a).

Como cidade ou bairro, Santo Amaro tem uma história que pode ser apreendida a partir de seus lugares de memória, com as suas unidades materiais convertidas em elementos que simbolizam o patrimônio da memória de uma comunidade. A interação entre história e memória sobrepõe-se para formar um lugar não apenas digno de lembrança, mas também permeado por um componente político, uma vez que nem tudo se caracteriza como lugar de memória. Deve-se ter uma "vontade de memória", o lugar deve ter na sua origem uma intenção memorialista que garante sua identidade (NORA,

1993). A memória de Santo Amaro identifica-se no Eixo Histórico de Santo Amaro, tombado inicialmente pela resolução N° 05/1991 do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (CONPRESP), tendo seu perímetro ampliado pela resolução N° 27/2014 do mesmo órgão, configurando-se no traçado viário das vias e passeios contidos entre a Praça Floriano Peixoto, o Largo Treze de Maio e a Praça Salim Farah Maluf. Dentre os prédios tombados no eixo, destacam-se a Igreja Matriz de Santo Amaro (catedral) e o Edifício da Antiga Prefeitura de Santo Amaro (SÃO PAULO município, 2014).

Do ponto de vista da identidade do bairro, o eixo histórico permite uma negociação entre a cidade e o bairro, evitando que a primeira seja completamente assimilada pelo segundo, carregando os traços culturais das tradições e das histórias particulares pelos quais os santamarenses foram marcados, uma vez que são o produto de várias histórias e culturas interconectadas (HALL, 2006b).

Quando tomamos por base uma perspectiva não essencialista, na qual as bases para identidade se alteram ao longo do tempo num jogo de diferenças e semelhanças, recorrer não apenas à diferença, mas ao que é igual e se mantém ao longo do tempo contribui de certa forma para uma construção de identidade (WOODWARD, 2014), nesse aspecto, o Eixo Histórico resulta num ponto de referência que mantém a história do bairro ao longo do tempo. No entanto, há que se lembrar de Hall (2014), pois se a identidade está no ponto de sutura entre o sujeito e as práticas discursivas represadas no mesmo Eixo Histórico, deve haver uma articulação entre a convocação do sujeito e seu investimento na posição.

Terão os moradores do bairro sido interpelados a assumir uma posição a partir do passado histórico comum? Se positivo, até que ponto investem na manutenção dessa posição? O próprio texto da resolução que determina o tombamento dá pistas importantes para responder essas questões. Esse texto (SÃO PAULO município, 2014), baseado na solicitação feita por associações de moradores, determina o tombamento em virtude não apenas do valor histórico, urbanístico e ambiental da área, ou do valor arquitetônico e paisagístico de alguns dos elementos do ambiente do bairro; mas também em função do valor afetivo, para a população do bairro de Santo Amaro e

região, desse Eixo Histórico no qual se concentram significativas formas de expressão cultural e social paulistanas. Os moradores do bairro demonstram, então, a sua posição em relação ao seu passado histórico. Ainda que hoje sejam paulistanos, de alguma forma, se preocupam com a preservação de sua memória e identidade contida nos registros materiais de sua história.

## **2. A ESTÁTUA DE BORBA GATO: MONUMENTO E IDENTIDADE**

Situada na confluência da avenida Adolfo Pinheiro com a avenida Santo Amaro, devido ao seu tamanho e sua história, a estátua de Borba Gato é sempre mencionada como forma de proteção da região. A estátua foi resultado de um concurso público para homenagear o quarto centenário de Santo Amaro, enquanto município autônomo em relação a São Paulo. Começou a ser construída em 1957 e concluída em 1963 (SÃO PAULO município, 2003). Canciani (2000), em *Culturas Híbridas*, analisa essas estátuas como uma estética monumentalista, presente em muitos espaços latino-americanos, para retratar pontos históricos e expressar os sistemas autoritários da expansão colonial portuguesa. Ele argumenta que os processos de independência e construção das nações geraram enormes monumentos, em especial de heróis nacionais, destinados a instaurar um repertório de símbolos. Quase sempre são obras com que o poder público consagra pessoas e acontecimentos fundadores do Estado. A estátua de Borba Gato paira soberana na avenida Santo Amaro e, de acordo com o autor do monumento, Júlio Guerra: “Do Borba Gato para o Sul é Santo Amaro até Itanhaém.” (BERARDI, 2005, p. 50)., numa alusão a uma Santo Amaro cidade que fazia divisa com o litoral sul paulista. Portanto, a estátua, enquanto monumento, está associada a um aspecto que legitima o culto tradicional, uma vez que combina tamanho gigantesco e localização destacada para enaltecer o poder.

Desde sua inauguração, a estátua divide opiniões, tanto pela homenagem à controversa figura do bandeirante santamarense, quanto pela solução estética adotada pelo seu autor – Júlio Guerra, que trabalhou seis anos na execução da estátua. Ele optou por não utilizar o bronze, material tradicional utilizado na época, escolhendo uma



## XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

combinação de concreto armado e pedras. Assim como o homenageado, tudo o que se relaciona à estátua tem peculiaridades e simbolismos que a maior parte daqueles que passam por ela desconhecem (SÃO PAULO município, 2003; BERARDI, 2005).



A controvérsia associada ao estilo e processo construtivo da estátua é resultado da escolha do escultor, que optou por fazer algo diferente, não utilizando padrões europeus como o bronze. Ele acreditava que as obras públicas não deveriam ser feitas do mesmo material de obras para um cemitério, por isso a argamassa e as pedras.. As pedras vieram de diversos lugares: as do rosto são fragmentos de mármore rosado que vieram de Portugal, as pedras que constroem o gibão vieram de Ouro Preto e Congonhas em Minas Gerais. Também foi usado mármore branco do Paraná. Para dar sustentação à obra (que é oca), o escultor utilizou sobras dos trilhos do bonde que ligava Santo Amaro a São Paulo, associando argamassa, trilhos e pedras. O resultado é um mosaico tridimensional com cerca de 13 metros de altura e 20 toneladas, posicionado



em um pedestal revestido de granito rústico que mede aproximadamente 2 metros de altura (BERARDI, 2005; NASCIMENTO, 2013). Esse processo construtivo rendeu ao monumento o quarto lugar em feiura, na opinião de trinta personalidades paulistanas, numa pesquisa realizada pela Revista Veja São Paulo (DUARTE; SALLUM, 2003); e uma crônica de Facundo Guerra (2015) na qual Borba Gato, associado ao mito dos bandeirantes, é chamado de genocida; e a estátua é chamada de metástase de um desenvolvimento estéril convertido em toneladas de concreto.

Analisando a segunda controvérsia, temos um homenageado bandeirante, fato que divide opiniões; pois ao mesmo tempo em que os bandeirantes foram responsáveis pela expansão do território brasileiro, também são percebidos como caçadores de índios e escravos, contribuindo para a manutenção do sistema escravocrata que vigorava no Brasil. Para compreensão dessa controvérsia, cumpre sintetizar a construção desse herói bandeirante, iniciada a partir do século XIX. O Brasil, com a recente independência e em processo de unificação, não possuía ainda uma identidade nacional. Não havia um passado histórico que pudesse suportar a construção dessa identidade, então, o tema da terra conquistada ocupa o centro do pensamento nacional. O processo de ocupação do solo, a expansão do território brasileiro e a ampliação das fronteiras nacionais passam a ser as bases do significado de ser brasileiro. E as bandeiras representam esse ideário, embrenhando-se pelos sertões, enfrentando perigos (RAIMUNDO, 2001).

Como centro das bandeiras, o herói bandeirante representa o espírito paulista, e a história narrada de São Paulo passa a retratar também a história do país. Para alguns autores, dentre eles Oliveira (2008), o homem das bandeiras é um elo perdido entre uma natureza selvagem a ser dominada (na qual estava incluído o índio) e a civilização representada pelo sangue português e a fé cristã. O resultado seria a transformação de um mamaluco, que capturava indígenas e tesouros para enriquecer, na figura de um bandeirante branco e alto, um explorador dotado de valores e que buscava a expansão das fronteiras nacionais.

Nessa divisão de opiniões podemos perceber que a história, ainda que muitas vezes representada por um passado, não é a mesma história para todos. Não existe uma única história porque a ruptura e o deslizamento implicam um significado diferente que

transforma as identidades históricas ou herdadas (WOODWARD, 2014). A estátua, como representação, é um símbolo que dá significado ao que representamos, ela torna possível estabelecer identidades individuais e coletivas, tanto pela similaridade, como pela diferença. Em Le Goff (1995) também encontramos subsídios na associação da estátua à memória coletiva de Santo Amaro, uma vez que o autor afirma que a memória coletiva se aplica aos monumentos na demonstração de que o que sobrevive não é o que existiu no passado, mas o que foi escolhido para representar esse passado muitas vezes imaginado.

O fato de a estátua retratar um bandeirante permanece como um assunto polêmico. No começo de setembro de 2015, a obra foi vítima de vandalismo ao ser manchada de vermelho e pichada com dizeres associados ao bandeirante como assassino de índios (XAVIER, 2015). Os autores do ato de vandalismo não foram identificados, porém, o acontecido reforça os conceitos de articulação e sutura na construção da identidade, conforme Hall (2014), uma vez que a sutura do que “eu” com o “outro” na formação do grupo identifica quem está dentro, mas também define espaços vagos entre as costuras. Não proporciona homogeneidade. Requer o que ficou fora da fronteira, desse modo, a identidade tem que ser pensada como uma articulação e não como um processo unilateral e vinculado às relações de poder, diferença e exclusão em vez de unidade idêntica.

É nessa tensão entre a memória histórica e a trama visual das cidades modernas, na qual monumentos e seus estilos e referências a diversos períodos históricos e artísticos se entrelaçam, que os heróis do passado sobrevivem em meio a conflitos que se desenvolvem na cidade moderna. Nesse contexto, Garcia Canclini (2000) traça um paralelo entre os museus, nos quais memória e história permanecem fechados e congelados, enquanto os monumentos estão abertos à dinâmica urbana, a memória interage com a mudança, heróis são revitalizados graças à propaganda, associados a movimentos sociais. Essa interação, no caso da estátua de Borba Gato, pode ser percebida por sua participação no projeto Sobrevivência (EZABELLA, 2008), no qual o artista plástico Eduardo Srur selecionou quinze monumentos da cidade e os equipou com coletes salva-vidas laranja para retirá-las do esquecimento. O colete de Borba Gato

é o maior de todos, com cerca de seis metros. Para Srur, o colete simboliza o salvamento, mas também vai além disso, uma vez que não é só o problema do monumento, mas também da memória daquele que passa pelo monumento.

O processo de tradição e tradução da identidade cultural, mencionado por Hall (2006b) em relação aos efeitos da globalização nas culturas nacionais, pode ser apropriado ao monumento e à identidade cultural de Santo Amaro. Identidade essa que parece gravitar entre manter a tradição representada pelo bandeirantismo e a tradução que o transforma, ora em herói, ora em bandido. Nesse movimento de deslocamento surge uma identidade híbrida, semelhante a muitas outras destes tempos de modernidade tardia. A propósito dessa modernidade tardia, que Bauman (2005) traduz como modernidade líquida, o argumento da identidade deve considerar um processo contínuo de redefinir-se, de inventar e reinventar a sua própria história. É um processo que reforça a ambiguidade da identidade, presente na análise da estátua de Borba Gato, a nostalgia do passado e a aderência à pós-modernidade..

## **CONCLUSÃO**

A identidade de Santo Amaro, estudada a partir de sua história e da estátua de Borba Gato, traz à tona questões que envolvem a memória coletiva, uma problemática contemporânea analisada a partir de uma perspectiva retrospectiva.

Do ponto de vista da memória associada à história do bairro, o processo de ocupação do solo e o adensamento populacional associados à origem religiosa do bairro traduz a importância política da Igreja na construção da história e da memória de Santo Amaro. Essa hegemonia perdeu força com o crescimento urbano e a evolução do capitalismo, cedendo lugar ao poder político e econômico que determinou sua anexação à cidade de São Paulo. O processo de urbanização, com a conversão de São Paulo em metrópole, resultou na fragmentação do bairro em distritos e subprefeituras, pulverizando a população e restringindo a possibilidade de uma identidade coletiva unificada para o bairro a partir de sua memória histórica. No entanto, a história de Santo Amaro é objeto de preocupação de seus moradores, resultando em ações concretas para

sua preservação, como a solicitação de tombamento do Eixo Histórico de Santo Amaro que, dentre outros espaços, preserva a Igreja Matriz - berço do bairro que foi cidade, e a antiga Prefeitura – numa referência clara à memória histórica e constitutiva do bairro.

A análise da representação de Santo Amaro por meio da estátua de Borba Gato demonstra não apenas sua condição de imponente obra pública, referência ao passado, mas também a sua representação enquanto uma construção coletiva. É possível concluir que a estátua faz parte de um sistema simbólico com significados múltiplos, porém construídos e compartilhados não apenas pela população de Santo Amaro, mas que se expande para toda população paulistana. Independentemente de suas qualidades estéticas, ou de sua associação ao mito do bandeirante, a estátua está associada à identidade do bairro. Ela representa de maneira expressiva como a sociedade se move e evolui no entorno de um monumento constituído como um lugar de memória, a partir de sua interação com o crescimento urbano, a publicidade e os movimentos sociais.

As conclusões apresentadas neste artigo não esgotam o tema da associação entre a construção de identidades a partir dos lugares de memória, especialmente pelo fato de os lugares de memória abarcarem inúmeras possibilidades, inclusive, os imateriais. Por esse motivo, como sugestão de novas pesquisas, é possível mencionar a investigação a partir de outros tipos de lugares de memória, tais como as comemorações, os documentos ou os museus.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. (Carlos Eduardo Medeiros, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERARDI, Maria Helena P. **Santo Amaro memória e história**: da botina amarela ao chapéu de couro. São Paulo: Scortecci, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. Contradições latino-americanas: modernismo sem modernização? In: \_\_\_\_\_. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. (Heloíza Pezza Cintrão; Ana Regina Lessa, trads.) 3. ed. São Paulo: Editor da USP, 2000. p. 67-97.

DIÁRIO DAS LEIS. **Portal da Legislação. Decreto nº 0 de 10/07/1832 / IB -**  
Império do Brasil. n.d. Disponível em:  
<<https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/203505-erige-em-villas-varias-freguezias-na-provincia-de-s-paulo.html>>. Acesso em: 20 out. 2015.

DIOCESE DE SANTO AMARO. **Igreja matriz de Santo Amaro:** de capela à catedral. São Paulo: n. d. Disponível em: <<http://diocesedesantoamaro.org.br/paroquias-da-diocese-de-santo-amaro/catedral-santo-amaro/>> Acesso em: 28 set 2015.

DUARTE, Alessandro. SALLUM, Erika. Contrastes paulistanos. **Revista Veja São Paulo**, seção Urbanismo, São Paulo, 16 jul. 2003. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20080314081849/http://veja.abril.com.br/vejasp/160703/urbanismo.html>>. Acesso em: 30 out. 2015.

EZABELLA, Fernanda. Srur veste colete salva-vidas em estátuas de SP: de Camões a Borba Gato, "Sobrevivência" chama a atenção para monumentos. **Folha de São Paulo**, Caderno Folha Ilustrada, São Paulo, 17 out. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1710200815.htm>>. Acesso em: 30 out. 2015

GUERRA, Facundo. Fomos proibidos de te amar, São Paulo. **Revista Carta Capital:** Caderno Sociedade. 27/08/2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/fomos-proibidos-de-te-amar-sao-paulo-2365.html>>. Acesso em 29 dez. 2015.

Hall, Stuart. As culturas nacionais como comunidades imaginadas. In: \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Tomaz T. da Silva; Guacira L. Louro, trads.). 11. ed.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006a. p. 47-65.

HALL, Stuart. O global, o local e o retorno da etnia. In: \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Tomaz T. da Silva; Guacira L. Louro, trads.). 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006b. p. 77-89.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz. T. S.; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

LE GOFF, Jacques. As mentalidades: uma história ambígua. In: \_\_\_\_\_. NORA, Pierre. **História: novo objetos**. (Terezinha Marinho, trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995. p. 68-83.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: \_\_\_\_\_. **História e memória**. (Bernardo Leitão et al, trads.). 4 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p.423-477.

LEITE, Edmundo. Há 30 anos, Santo Amaro recusou separar-se de SP. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 15 set. 2015. Disponível em: <<http://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,ha-30-anos-santo-amaro-recusou-separar-se-de-sp,11450,0.htm>>. Acesso em: 20 out. 2015.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 4.ed São Paulo: Atlas, 2010.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

NASCIMENTO, Douglas. **Monumento de Borba Gato**. São Paulo Antiga. São Paulo: 27 jan. 2013. Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/borbagato/>>. Acesso em: 22 out. 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. (Yara Aun Khoury, trad.). Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

OLIVEIRA, Emerson D. G. **Instituições, arte e o mito bandeirante: uma contribuição de Benedito Calixto**. SÆCULUM Revista De História, João Pessoa, n. 19, jul/ dez. 2008, p. 127-148. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/11411>>. Acesso em 08 dez. 2015.

RAIMUNDO, Sílvia Lopes. **A Invenção do Mito Bandeirante: Tradição e Pensamento Regionalista na Historiografia Paulista das Décadas de 1920-1930**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana). 2001. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: 2002. Disponível: <<http://pos.fflch.usp.br/node/46256>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica: a construção do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SÃO PAULO (município). **Resolução N° 27** do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo - CONPRESP de 14 de outubro de 2014. Ajusta o perímetro de tombamento do ambiente urbano identificado como Eixo Histórico de Santo Amaro. Diário Oficial da Cidade de São Paulo, São Paulo, SP, ano 59, n. 239, p. 56, 23 de dezembro de 2014. Disponível em:

<<http://www.docidadesp.imprensaoficial.com.br/NavegaEdicao.aspx?ClipID=2B1D91HRIDDKVeEVK76TMUH6TDK&PalavraChave=Eixo+Hist%u00f3rico+de+Santo+Amaro>>. Acesso em: 19 out. 2015.

SÃO PAULO (município). Secretaria da Cultura – Departamento do Patrimônio Histórico. **Obras de Arte em Logradouros Públicos da Cidade de São Paulo:** Borba Gato. São Paulo: 2003. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio\\_historico/adote\\_obra/index.php?p=4484](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/patrimonio_historico/adote_obra/index.php?p=4484)>. Acesso em: 25 out 2015.

SÃO PAULO (município). Secretaria da Cultura – Departamento do Patrimônio Histórico. **Programa patrimônio e referenciais culturais nas Subprefeituras:** Subprefeitura de Santo Amaro. São Paulo, 2010, 35 p. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/SantoAmaro\\_web\\_1392057658.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/SantoAmaro_web_1392057658.pdf)>. Acesso em: 29 set 2015.

SÃO PAULO (município). Secretaria da Cultura. **As contradições e os séculos de história de Santo Amaro.** n.d.(a). Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/santo\\_amaro/historico/index.php?p=450](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/santo_amaro/historico/index.php?p=450)> Acesso em: 29 set 2015.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: \_\_\_\_; SILVA, Tomaz. T. S. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

XAVIER, Maurício. Estátua do Borba Gato é pichada por manifestantes. **Revista Veja São Paulo**, seção Mistérios de São Paulo, São Paulo, 30 nov. 2015. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/estatua-borba-gato-pichada>>. Acesso em: 28 dez. 2015.